
O RITUAL COTIDIANO DE UMA PROFESSORA DE SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO E SUA PERFORMANCE EM SALA DE AULA

*Renata Oliveira dos Santos**

Resumo: O presente artigo tem por objetivo relacionar os conceitos de ritual e performance com a atuação diária de uma professora de sociologia, do Ensino Médio, em sala de aula. Refletir sobre a ação específica desse tipo de profissional tanto dentro quanto fora do ambiente escolar, revela como um ato corriqueiro como o de preparar aula realizado por muitos professores, pode ser compreendido como um ritual, assim como, sua exposição final uma performance. Além disso, ao entender essa atuação torna-se possível também compreender como a formação acadêmica do professor muitas vezes influencia na maneira como este percebe a educação e a sala de aula.

Palavras-Chave: Ritual. Performance. Ensino.

THE DAILY RITUAL OF A HIGH SCHOOL SOCIOLOGY TEACHER AND HIS PERFORMANCE IN THE CLASSROOM

Abstract: This paper aims to relate the concepts of ritual and daily performance high school sociology teacher in the classroom. Reflecting on the specific action of this type of work both in and outside the school environment, reveals how commonplace is an act of preparing for the class held by many teachers, can be understood as a ritual, as well as his final performance. Moreover, by understanding this performance, it also becomes possible to understand how the teacher's academic background often influences the way he perceives education and the classroom.

Keywords: Ritual. Performance. Education.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo identificar e relacionar os conceitos de ritual e performance com a prática cotidiana de uma professora de sociologia, do Ensino Médio, em sala de aula. Faz-se necessário ressaltar que para o desenvolvimento desse trabalho foi utilizada a minha própria experiência como professora da disciplina no Colégio Pointer, em Jandaia do Sul/PR, durante o ano de 2008.

O recorte proposto tem como objetivo especificar a partir de qual "olhar" estarei utilizando o conceito de ritual e performance; e de acentuar que não existe pretensão alguma de generalizar a forma que cada professor ou educador possui para preparar as suas aulas e explicar os conteúdos.

Ao refletir sobre minhas ações, compreendi que não existe um roteiro específico e único para o planejamento de uma aula. Entretanto, a repetição

semanal desse ato fez com que eu percebesse como ele pode ser entendido como um ritual. Mas, afinal, como se define um ritual?

Segundo Peirano (2003, p. 48): “[...] o ritual é uma forma de ação, sobretudo maleável e criativa que, com conteúdos diversos, é utilizada para várias finalidades”. Para a autora, a vida social é marcada por rituais. Assim, engana-se quem acredita que eles só podem ser identificados a partir de grandes eventos ou festas formais.

Eles estão presentes no cotidiano de cada indivíduo ou grupo. É essa presença no dia-a-dia que possibilita que o rito possa ser compreendido como algo “*bom para pensar e bom para se viver*” (PEIRANO, 2003, p. 47).

Logo, ao pensar sobre minha rotina semanal de preparar aulas, foi possível compreendê-la como ritual baseada em algumas questões fundamentais: Quem faz a aula? Como a faz? O que pensa que faz? E: Qual a sua eficácia?

O fato é que o ambiente escolar pode ser compreendido de diferentes maneiras, sendo uma delas a ação ritualizada de preparar aula e, posteriormente, sua apresentação. Assim, tornou-se imprescindível questionar se a própria ação final, a de apresentar o conteúdo aos alunos, pode ou não ser considerada um ato performático?

O professor: quem faz a aula

Durante o ano de 2008, ministrei aulas de sociologia para os alunos do Ensino Médio do Colégio Pointer, de Jandaia do Sul/PR. Esse período fez com que eu percebesse que o ato de explicar um determinado conteúdo não se faz de maneira simples e exige muito mais do que qualquer material didático ou de apoio.

Não cabe apenas ao professor transmitir uma informação, mas buscar transformar um determinado dado em conhecimento. Assim, o professor torna-se o agente responsável pela formação de diferentes indivíduos, em distintos momentos de sua vida. Entretanto, até chegar ao agente-professor, o mesmo tende a passar por alguns ritos de formação que caracterizaram a sua especialização para o exercício do ato de “dar” aula.

Antes de refletirmos sobre a preparação das aulas de sociologia como um rito torna-se relevante destacar as fases preparatórias que fazem parte de sua construção, ou seja, da formação do professor de sociologia. Essa formação se inicia quando o mesmo termina o Ensino Médio e ingressa no Ensino Superior, uma espécie de rito de passagem para a fase adulta em nossa sociedade.

Para Van Gennep (1978), os ritos de passagem representam o deslocar constante de pessoas e grupos dentro de uma sociedade em busca de novas posições sociais e status: “*A grande descoberta de Van Gennep é que os ritos, como o teatro, têm fases invariantes, que mudam de acordo com o tipo de transição que o grupo pretende realizar*” (DAMATTA, 1978, p. 18). Dessa forma,

o autor identificou os ritos de passagem em três momentos: separação, liminaridade ou transição e agregação.

O rito de separação, no caso da formação do professor de sociologia ocorre quando o mesmo faz a sua escolha diante do curso que pretende ingressar na Universidade. No meu caso, escolhi, em 2000, o curso de Ciências Sociais, da Universidade Estadual de Maringá. A minha escolha se remeteu a uma separação com os meus amigos de escola, que estudaram comigo durante anos. Cada um seguiu um caminho diferente.

Durante a graduação houve um momento no qual tive que optar por uma das habilitações propostas pelo curso: a formação em bacharelado ou licenciatura. Identifico esse momento como liminar ou de transição, porque ali se configuraria a passagem da estudante para a formação mais específica da profissional. Optei pelo bacharelado, sem saber que atuaria em sala de aula. Somente quando cheguei à sala de aula pude de fato compreender qual seria o meu papel na sociedade.

O ato de ministrar aula me transformava em professora. Assim sendo, coube a mim agregar novos valores e conteúdos para desenvolver o meu trabalho em âmbito escolar.

Logo, de estudante de Ensino Médio, me tornei uma graduanda em Ciências Sociais e, posteriormente, em professora de sociologia:

A vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra.

É o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte. (VAN GENNEP, 1978, p. 26-27).

Todas essas mudanças individuais e, conseqüentemente, sociais são realizadas a partir de cerimônias ou de rituais. Ingressar na universidade demanda passar no vestibular, se tornar uma cientista social em pelo menos quatro anos de aulas e de aprendizado diário na universidade; finalmente, transformar-se em professora é deixar o meu lugar de aluna e consolidar o meu espaço social de profissional: “[...] o indivíduo modificou-se, porque tem atrás de si várias etapas e atravessou diversas fronteiras” (VAN GENNEP, 1978, p. 27).

Serão, justamente, essas etapas e modificações que me diferenciarão dentro da sala de aula em relação aos meus alunos. Cabe então a mim transmitir à eles o conhecimento aprendido durante toda a minha formação acadêmica.

O ritual cotidiano do professor: como faz e o que pensa que faz

A busca pela compreensão do que se apresenta como algo cotidiano é que, de alguma maneira, impulsionou o direcionamento desse trabalho. Seguindo a linha de pensamento da antropóloga Marisa Peirano (2006), a identificação da preparação das aulas de sociologia como um ritual remete à investigação não daquilo que possa ser extraordinário em uma sociedade, mas sim de ações e atos corriqueiros que possibilitam pensar as dinâmicas e diversidades sociais.

Nesse sentido, ao especificar o meu “olhar” procuro dirigi-lo apenas à minha própria experiência. Afinal, seria impossível acompanhar todos os professores que convivi no ano de 2008, no Colégio Pointer, em Jandaia do Sul. Além disso, a própria formação acadêmica e as convicções individuais tendem a revelar a maneira não somente como o professor prepara a sua aula, mas também a forma que ele entende a educação e suas inúmeras questões.

Ao ser contratada como professora da disciplina de sociologia do Colégio Pointer, em 2008, assumi o desafio de ministrar dez aulas em apenas um dia da semana. Dessa forma, minha carga horária seria distribuída em seis aulas na parte da manhã e quatro aulas na parte da tarde.

Caberia ao Ensino Médio duas aulas matutinas e quatro vespertinas, o restante da grade curricular seria preenchido com aulas realizadas no Ensino Fundamental II. Optei por restringir a observação desse trabalho apenas ao Ensino Médio pela extensão da sua carga horária, composta por duas aulas em cada turma de primeiro, segundo e terceiro ano, o que exigia uma elaboração maior de conteúdo e estratégias de ensino e aprendizagem.

A preparação de uma aula exige todo um contexto, anteriormente estabelecido para a sua construção. Torna-se relevante planejar o que será exposto em sala e para quem será transmitido o conhecimento, o que não se resume apenas ao livro ou material didático. O uso de outros recursos como mídias sociais e audiovisual são importantes para estimular o aprendizado do aluno.

No caso da disciplina de sociologia, esses recursos didáticos ajudam a enriquecer a inexistência, muitas vezes, do próprio material didático. Ao assumir as aulas no Colégio Pointer, uma instituição privada de ensino, a primeira situação que enfrentei foi a falta de material didático específico, livro ou apostila que pudesse nortear o meu trabalho. Segundo a coordenação pedagógica dessa instituição eu possuía autonomia para montar meu próprio conteúdo.

Ao mesmo tempo em que essa autonomia é muito boa, pois dava liberdade para o desenvolvimento de inúmeras atividades que, necessariamente, não precisavam seguir um conteúdo programático, ela me trazia uma certa insegurança. O fato é que sempre imaginei o aprendizado escolar como uma seqüência de conteúdos que primeiramente tendem a

dar base para os alunos capacitando-os para futuras análises críticas de sua realidade. Estas deveriam estar pautadas em argumentos precisos e não advindas de explicações carregadas de senso comum ou juízos de valores.

Por essa razão, ao assumir as aulas e poder organizar minhas atividades, optei por desenvolver meu trabalho a partir da seguinte divisão de conteúdo: ao primeiro ano caberia a apresentação da disciplina no seu sentido mais clássico, ou seja, o ensino de autores, conceitos e teorias, que inicialmente fundaram a sociologia e que ainda hoje são as referências de outros autores. Ao segundo ano, seria feito um trabalho mais temático ao longo dos bimestres. Temas como: trabalho, movimentos sociais, reforma agrária e grupos sociais, norteariam o ensino da sociologia. Finalmente, ao terceiro ano seria proposto o estudo dos conceitos de cultura, identidade cultural, indústria cultural, além de uma retomada dos conteúdos já vistos possibilitando assim a preparação deles para o exame de vestibular. Portanto, tendo objetivos e interesses diversificados para cada turma, era necessária a preparação de um tipo de aula.

Essa preparação poderia ser identificada como uma espécie de bricolagem. O mecanismo, como ressalta Peirano (2003), criado por Lévi-Strauss¹, tinha como fundamento reinventar os elementos que fazem parte de um ritual, que já existem em sociedade. Assim, a preparação da aula existe em nosso meio há muito tempo, porém o seu desenvolvimento deve ser reinventado constantemente para que seja capaz de suprir todas as necessidades do conhecimento: *“A ideia de bricolagem vincula o ritual à criatividade e à originalidade – ao contrário do que diz o senso comum, que vê os ritos como rígidos e imutáveis – e, portanto, é favorável a mudanças e transformações”* (PEIRANO, 2003, p. 49).

Desta forma, uma aula pode ser pensada e preparada de forma tradicional com uso apenas de giz e do material didático ou, como no meu caso, de uma maneira mais estratégica cujo objetivo seria tornar o ensino da sociologia algo palpável, prático, podendo ser compreendido no cotidiano de cada aluno quando esse adquire instrumentos para refletir sobre o meio e a sociedade em que está inserido.

O ritual realizado por mim para preparar as aulas do Ensino Médio do Colégio Pointer se iniciava toda terça-feira pela manhã – o único dia de folga que possuía em 2008 para preparar todas as aulas da sexta-feira, dia em que ministrava a minhas aulas de sociologia em Jandaia do Sul.

Torna-se relevante dizer que, ao longo do ano de 2008, acumulei vinte e seis horas/aulas semanais. Por isso, para cumprir todos os meus horários tornei a preparação de aulas um ritual do meu dia-a-dia. Cada dia ficou direcionado para um colégio ou turma e assim “escolhi” a terça-feira como o dia de preparar dez aulas.

Minhas terças-feiras de 2008 começavam sempre da mesma maneira: com um planejamento de aula pré-estabelecido, sentava em frente do computador e com o auxílio da internet, preparava as aulas daquela semana.

O uso desse tipo de recurso virtual me permitia fazer recorte de textos literários ou jornalísticos que tinham como objetivo aproximar a teoria da realidade vivência pelos educandos.

Tinha como pretensão sempre instigar nos alunos a necessidade de questionar o que parecia tão natural em nossa sociedade. Segundo, Sarandy (2004), essa deve ser a função da disciplina, fazer com que o aluno torne-se um sujeito social questionador e crítico.

Além da tecnologia, elegi para desenvolver do meu trabalho alguns livros didáticos. Estabeleci como referência prévia os livros: *Sociologia para o Ensino Médio* (2007) e *Sociologia: Introdução à ciência da sociedade* (2005).

Embora não podendo adotá-los como um material didático permanente eles auxiliaram-me na preparação do conteúdo e em ideias para diferenciar o ensino em sala de aula.

Entretanto, mesmo que toda terça-feira fosse o dia de preparar as aulas para os alunos do Colégio Pointer, a cada semana um novo desafio era lançado: novos conteúdos teriam que ser explorados e assim esse ritual nunca se fixava já que para cada conteúdo deveria ser pensada uma forma de explicação diferenciada da outra.

É inegável que existem algumas vantagens em se lecionar em uma instituição de ensino privada. Entre elas, o fato da quantidade de alunos dentro da sala de aula ser menor do que na escola pública. Outro diferencial é a disponibilidade de recursos audiovisuais e até mesmo financeiros para o desenvolvimento de algumas atividades.

Ao preparar as aulas, tentava de todas as maneiras viabilizar os mais diferentes materiais de apoio e fazia o uso quase que constante da biblioteca, dos laboratórios de informática e das inúmeras revistas e jornais atualizados existente na instituição. Tudo isso com intuito de que os alunos compreendessem que o conhecimento e o aprendizado estavam presentes de maneira constante no cotidiano de cada um.

A eficácia de uma aula preparada

Costuma-se acreditar que a aula deve ser apenas um momento de transmissão de conteúdo. No entanto, a sala de aula é um campo aberto de possibilidades, relações sociais, questões e interesses variados. É um espaço dinâmico que exige a maestria de um professor para transformá-lo em um momento de conhecimento e não somente de conteúdos para avaliações bimestrais.

Ao sentar toda terça-feira em frente ao computador, consultar bibliografias, ver pequenos filmes, ou até mesmo filmes inteiros, eu exercitava a minha capacidade diária de transformar o cotidiano em conhecimento, de tornar visível o que na teoria parecia longe da realidade dos alunos.

A ação de preparar uma aula de ler alguns textos, blogs ou outros sites de informações, de reproduzir algumas falas ou vídeos, enriquecia

o meu ato de “dar” aula. Eleger um dia para preparar uma aula, escolher e separar materiais didáticos, ter uma noção planejada de que conteúdo desenvolver, parar, analisar, repensar maneiras de expor assuntos muitas vezes trabalhados em outras disciplinas, tudo isso era o exercício feito nas terças-feiras de 2008 e esse ritual tinha como objetivo levar uma forma mais pragmática do ensino de sociologia em sala de aula: *“A confecção e o preparo das coisas, dos materiais de um ritual, é longa, minuciosa”* (MAUSS, 1974, p. 85).

Além de preparar a aula era necessário fazer com que todos os objetivos da mesma chegassem até o aluno. Sua eficácia era tirar os dados escritos no papel por mim e transformá-los em algo palpável: era fazer do uso do audiovisual um instrumento que fosse capaz de despertar a consciência e a reflexão dos alunos: *“[...] a ação como meio de transmissão de conhecimento”* (PEIRANO, 2003, p. 39).

Logo, essa deve ser a “função” de um rito: despertar sentimentos, curiosidades e aprendizado. Pois, segundo Peirano (2003), os rituais servem tanto para reafirmar como para questionar uma sociedade:

Rituais são, assim, *bons para pensar e bons para viver*. A partir deles tomamos conhecimento de nosso mundo ideal e de nossos projetos e ambições; a partir deles revelam-se trilhas, encruzilhadas e dilemas e, no processo, consegue-se, muitas vezes, encaminhar mudanças e transformação. (PEIRANO, 2003, p. 47).

No caso da educação, essas transformações ou mudanças podem ocorrer a partir da ação do professor em sala de aula. Em se tratando das aulas de sociologia sua eficácia dependerá também da postura adotada por ele diante do conteúdo e de seus alunos. Sabemos que se trata de uma disciplina que tem por objetivo despertar a consciência crítica do aluno e sua capacidade de reflexão.

Por isso, torna-se importante que o professor esteja preparado para apresentar ao aluno a sociologia não como um conteúdo distante dele, mas que se apresenta diariamente aos seus olhos. Dessa forma, o aluno deverá ser sempre estimulado a olhar, reparar e sentir o mundo a sua volta. Assim, a aproximação da teoria sociológica com a realidade vivida pelos educandos revela como é possível refletir sobre a sociedade, desde que se entenda que eles estão inseridos nela e fazem parte de todo o seu processo de desenvolvimento.

Por essa razão, o professor de sociologia não deve apenas ministrar suas aulas a partir de seus próprios juízos de valores. Cabe a ele instigar, capacitar, estimular e possibilitar os seus alunos e não “militar” em causa própria repassando para eles o que acreditam ser certo ou errado nas inúmeras, e muitas vezes polêmicas, questões sociais.

Não pretendo me estender nessa discussão, porém me posiciono contrária à ideia de militância. Acredito que como educadores devemos sempre prezar pelo conhecimento que pode se “combinar” às nossas preferências ou ideologias pessoais, porém isto deve estar além da ideia do certo ou errado, do pode ou não pode. Capacitar o aluno para o aprendizado é dar a ele a alternativa de escolha e, por que não, a perspectiva da dúvida.

A representação do professor: a performance em sala de aula

Durante os anos em que lecionei, ficou claro que para muitos professores cabia mais a “máscara” do “senhor mal”, do “carrasco da prova”, daquele que tem a disciplina mais difícil. Alguns colegas de trabalho muitas vezes se vangloriavam do fato de ter “deixado” uma turma inteira em recuperação ou com notas baixas. Dessa forma, consolidavam a imagem daquele que deve ser temido mais do que respeitado. Parecia que no lugar do professor os alunos viam muitas vezes seus pais e que a escola realmente, era uma segunda casa para eles.

A escola é o cenário da atuação do professor. Assim sendo, não podemos negar que a sala de aula seja o seu palco principal e que a apresentação da aula seja um ato performático e programado, já que obedece um tempo determinado para sua execução. Por se tratar de uma performance que envolve diferentes sujeitos sociais, ela pode ser compreendida como uma ação que pretende gerar um efeito, ou seja, a atuação do professor tem por objetivo possibilitar um novo aprendizado.

Segundo Dawsey (2005, p. 06), os estudos de Victor Turner sobre a “antropologia da performance”, revelam que a mesma se articula com a experiência: *“Trata-se não apenas de pensar a performance enquanto expressão, mas também de pensar a expressão enquanto momento de um processo, ou melhor, de uma experiência”*.

Foi pensando justamente essa experiência como professora de sociologia que pude observar que a atuação do professor, na maioria das vezes, se trata de uma encenação.

Tendo a instituição escolar como cenário e a sala de aula como um palco, o professor torna-se “senhor” de seus atos e dos personagens que cria para a sua apresentação:

QUANDO UM INDIVÍDUO DESEMPENHA UM PAPEL, IMPLICITAMENTE² solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que vêem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as conseqüências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser. (GOFFMAN, 1992, p. 25).

Desta forma, ao preparar uma aula e apresentá-la em sala, o professor terá a chance de encenar aquilo que “ensaia” ritualmente. Porém, a sala de aula é uma eterna “caixinha de surpresas” e por mais preparada que eu estivesse, a relação com meus alunos sempre me apresentava desafios não previstos. Assim, mais do que escolher e definir conteúdos, cabia a mim conhecer o meu público para que o “ato final” de todo o ritual realizado na terça-feira, não fosse apenas a finalização de algo imaginado e pretendido apenas por mim, mas que viesse ao encontro do que ansiavam também meus alunos.

Entretanto, como afirmei acima, essa é uma visão particular, pois muitos professores veem em suas encenações um momento para reafirmar sua autoridade. Para Goffman (1992), quando o indivíduo não acredita em sua própria encenação e não se interessa pelo seu público, ele pode ser chamado de cínico, porque tende a enganar os seus “ouvintes”. Esse tipo de professor gasta o seu tempo mais expressando a sua autoridade do que, propriamente, exercendo a sua ação como educador.

Ao me apresentar em sala de aula e perceber que toda a minha preparação levava aquele “ato final”, não cabia a mim somente representar a minha ideologia. Em nenhum momento pude esquecer que a sala de aula era um complexo de relações sociais e de expectativas individuais bem acentuadas.

Assim sendo, ao incorporar o meu personagem de professora procurei estar atenta aos valores implícitos em cada turma. Por isso, ao preparar as aulas não pensava no conteúdo apenas, mas para quem ele seria transmitido e de que maneira ele poderia ser melhor compreendido, já que nenhuma sala é semelhante a outra. Como “atriz” minha intenção era interagir com a minha platéia.

Segundo Goffman (1992), a interação entre ator e público pode gerar alguns desconfortos. Assim, podemos notar em sala de aula que muitas vezes a aproximação, ou a falta dela entre professor e aluno pode causar alguns problemas para o aprendizado.

A comunicação será sempre o instrumento do professor, sua fala, seu tom de voz, sua forma de se expressar serão responsáveis por caracterizar a sua performance e a maneira como o mesmo tende a ser recebido pelo seu público.

Como educadores somos testados o tempo todo, nossos alunos procuram falhas em nossa apresentação ou encenação, que possibilitem a dúvida se ocupamos naquele momento o devido lugar:

[...] quando indagamos se uma impressão adotada é verdadeira ou falsa, na verdade queremos saber se o ator está, ou não, autorizado a desempenhar o papel em questão, e não estamos interessados primordialmente na representação real em si mesma. Quando descobrimos que

alguém com quem lidamos é um impostor, um rematado velhaco estamos descobrindo que ele não tinha o direito de representar o papel que desempenhava e não era ocupante credenciado da importante posição social. (GOFFMAN, 1992, p. 60).

A busca por falhas torna a relação entre professor e aluno, em diferentes momentos, uma “guerra”. O palco transforma-se em campo de batalha e quando o professor não consegue usar suas armas, ou seja, a explicação de um conteúdo bem planejado, ele tende a transformar-se em um ator “descartável” e ridicularizado pelos alunos.

Sendo assim, é possível concluir que a execução de um ritual dá-se quando sua performance consegue atingir os objetivos definidos para a sua encenação. No caso da sala de aula, a atenção desprendida pelos alunos às suas explicações e a maneira como ele consegue a partir dos exercícios propostos realizar uma análise crítica de uma determinada situação ou tema, ou seja, a transição do senso comum para uma consciência, revela o quão eficiente é todo o “espetáculo”.

Acredito que, durante todo o ano de 2008, só foi possível representar bem a minha função em sala de aula, como professora de sociologia, porque tinha em meu auxílio uma preparação prévia para o “ato final” que se traduziria na minha capacidade de transformar os conteúdos de sociologia em formas de conhecimento mais acessíveis aos meus alunos, utilizando para isso os mais diversos recursos.

Porém, pude compreender também que a atuação em sala de aula não estava apenas fadada àquilo que pretendia a princípio, mas repleta de inúmeros e inesperados imprevistos e questionamentos que poderiam surgir ao longo da minha encenação:

O que parece ser exigido do indivíduo é que aprenda um número suficiente de formas de expressão para ser capaz de “preencher” e dirigir mais ou menos qualquer papel que lhe seja dado. As encenações legítimas do cotidiano não são “representadas” ou assumidas no sentido de que o ator sabe de antemão exatamente o que vai fazer e o faz exclusivamente em razão do efeito que provavelmente venha ter. (GOFFMAN, 1992, p. 72).

Dessa forma, a preparação da aula é apenas um dos elementos que compõem todo o espetáculo. Ela é uma das partes que complementam toda a relação existente entre professores, alunos, conteúdos de sociologia e a sala de aula:

Quando o aluno compreende que os cheiros, os gestos, as gírias, as tensões e conflitos, as lágrimas e alegrias, enfim,

o drama concreto dos seus pares é em grande medida resultante de uma configuração específica de seu mundo, então a sociologia cumpriu sua finalidade pedagógica. (SARANDY, 2004, p. 130).

A possibilidade de transmitir um determinado conhecimento ao aluno deve ser compreendida como uma oportunidade de fazer com que não somente eles aprendam, mas também o educador perceba a necessidade de novas estratégias de abordagem e de ensino que venham ao encontro daquilo que ambos acreditem ser primordial para o seu desenvolvimento.

Por isso, a formação acadêmica é importante, o cumprimento dos estágios supervisionados e das práticas de ensino tende a preparar o graduando, apresentando a ele a sala de aula, mesmo que essa ainda não seja a “sua” sala. É lá que ele começa a entrar em contato com um universo, o tempo todo em movimento e mudança que não se enquadra apenas em práticas pré-determinadas, mas sim em conhecimento teórico, cultural e pessoal.

A escola é o local da diversidade, onde culturas e pessoas diferentes se encontram não para serem padronizadas, mas sim ter respeitadas suas individualidades e terem a possibilidade do desenvolvimento de suas habilidades. Por isso, ao preparar uma aula, o conteúdo e as estratégias escolhidas devem fazer parte do que o professor foi capaz de compreender de seus alunos, do contato com eles, podendo assim, direcionar para cada, um olhar capaz de respeitar o que ele realmente é, e o que deseja ao se fazer presente em sala de aula.

Considerações finais

É quase impossível não associar o conceito de ritual com algum tipo de megaevento ou de estruturas mágicas e religiosas que fujam do nosso cotidiano. O ritual parece algo distante de nós e de difícil compreensão. Porém, quando aprendemos que ele está presente no nosso dia-a-dia, somos desafiados a percebê-lo em nossas ações corriqueiras.

A proposta desse artigo era justamente esse desafio: ver no que me pareceu sempre habitual um ato ritual. Dessa forma, optei por relatar a minha experiência como professora de sociologia, em determinado período de tempo e espaço da minha atuação profissional, elegendo a preparação das aulas como um ritual cotidiano. Esse ritual, que começava sempre solitário em um dia da semana, tinha como propósito desencadear a apresentação de determinado conteúdo em sala de aula.

Entretanto, para chegar até esse “ato final” todo um processo deveria ser seguido. Assim, escolher um dia, separar materiais didáticos, utilizar recursos diferenciados para a sua consolidação; tornou-se um ritual, cujo objetivo seria transformar os conceitos e as teorias sociológicas em um

conhecimento mais palpável e pragmático da realidade e do meio social, do qual os meus alunos estavam inseridos e faziam parte.

Mas, um ritual por si só não existe se aquele que fora o “escolhido” para desenvolvê-lo não possa encená-lo. Dessa forma, a apresentação de um conteúdo em sala de aula, demanda sempre uma ação performática do professor. Podemos afirmar que a performance do professor influenciará o próprio aprendizado do aluno. Por isso, torna-se importante que o mesmo esteja preparado para suprir as necessidades de seus educandos e a lidar com os imprevistos que possam surgir ao longo de sua encenação.

Como afirma Peirano (2006), podemos concluir que o ritual de fazer e a performance do agir possibilitam, no caso do ensino de sociologia, a reflexão e a compreensão do contexto e das mudanças às quais educadores e educandos podem ser submetidos todas as vezes que estiverem dentro de sala de aula, emitindo ou recebendo informações. A preparação da aula transforma-se em um ato de extrema importância que pode ser traduzido na encenação do espetáculo em sala de aula, cuja eficácia será gerar conhecimento e aprendizado.

Notas

* Renata Oliveira dos Santos é mestrandia em Ciências Sociais/Políticas Públicas da Universidade Estadual de Maringá. Bolsista CAPES. E-mail: re.mga@hotmail.com

¹ Definição de Lévi-Strauss para Bricoleur: “Em sua acepção antiga o verbo bricoleur aplica-se ao jogo de péla e de bilhar, a caça e à equitação, mas sempre para evocar um movimento incidental: o a péla que salta muitas vezes, do cão corre ao acaso, do cavalo que se desvia da linha reta para evitar um obstáculo. E, em nossos dias, o bricoleur é aquele que trabalha com as suas mãos, utilizando meios indiretos se comparados a um artista. [...] O bricoleur está apto a executar um grande número de tarefas diversificadas porém, ao contrário do engenheiro, não subordina nenhuma delas à obtenção de matérias-primas e de utensílios concebidos e procurados na medida de seu projeto: seu universo instrumental é fechado, e a regra de seu jogo é sempre arranjar-se com os “meios-limites”, isto é, um conjunto sempre finito de utensílios e de matérias bastante heteróclitos, por que a composição do conjunto não está em relação com o projeto do momento nem em nenhum projeto particular mas é o resultado contingente de todas as oportunidades que se apresentam para renovar e enriquecer o estoque ou mantê-lo com os resíduos de construções e destruições anteriores” (LÉVI-STRAUSS, 1962, p. 32-33).

² Palavras digitadas em caixa alta pelo próprio autor no texto.

Referências

COSTA, Cristina. **Sociologia**: Uma introdução à ciência da sociedade. São Paulo, 2005.

DAMATTA, Roberto. Apresentação. In: VAN GENNEP, Arnould. **Ritos de passagem**. Petrópolis, 1978.

DAWSEY, John. **O teatro dos “bóias-frias”**: repensando a antropologia da performance. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 15-34, jul./dez. 2005.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, 1992.

LÉVI-SATRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo, 1962.

PEIRANO, Mariza. **Rituais, Ontem e hoje**. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Temas ou Teorias?** O estatuto das noções de ritual e de performance. UNB, 2006. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/viewPDFInterstitial/7321/5248>>. Acesso em: 25 Maio 2009.

SARANDY, Flávio. Reflexões acerca do sentido da Sociologia no Ensino Médio. In: **Sociologia e ensino em debate**: Experiências e discussão de sociologia no Ensino Médio. Ijuí, 2004.

TOMAZI, Nelson Dácio. **Sociologia para o Ensino Médio**. São Paulo, 2007.

VAN GENNEP, Arnould. **Ritos de passagem**. Petrópolis, 1978.

Recebido em: maio de 2010.

Aprovado em: março de 2011.